

INVESTIGAÇÃO EM COMUNICAÇÃO NO PROJECTO DA LUSOCOM

ANÍBAL AUGUSTO ALVES*

1. Introdução

1.1. Saudação

Desejo em 1.º lugar saudar e agradecer. Saudar o coordenador deste painel, professor José Bragança de Miranda, grande culpado por nos encontrarmos aqui hoje a prosseguir a LUSOCOM, saudar com idêntica admiração e amizade os ilustres companheiros desta mesa, professores Manuel Paquete de Oliveira, António Fidalgo e José Marques de Melo, primeiro e actual Presidente da LUSOCOM. É sem dúvida uma honra imerecida partilhar convosco, perante esta assembleia, uma reflexão tão necessária para a nossa associação como para a nossa missão académica, qual é a Investigação em Comunicação.

Agradeço à organização do Congresso por me ter dado a oportunidade de tomar parte neste trabalho de cuja importância e utilidade não duvido, reconhecendo embora que, por mim, lhe não trarei o contributo que ele e vós mereceriam.

1.2. Talvez tenham reparado que acrescentei ao título do painel «Investigação em Comunicação: convergências e desafios», uma cláusula redutora, a saber, «no projecto da LUSOCOM». E fi-lo para encontrar uma

* Presidente da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM). Universidade do Minho, Braga. E-mail: anibal@ics.uminho.pt

perspectiva que, ao mesmo tempo, limitasse o tema, tão vasto e complexo, e o colocasse ao alcance da minha observação e reflexão pessoais. Decidi, assim, referir as convergências e os desafios de investigação em Comunicação ao próprio caminho de construção da Lusocom, ou seja, a *convergência* entendida como caminho feito, e o *desafio* entendido como caminho a prosseguir. Nem andarei longe, neste entendimento, do desiderato expresso no apelo que nos foi dirigido para este 3.º Lusocom: «...» identificar campos de interesse comum,... explorar eficazmente caminhos de cooperação e de intercâmbio». É para este relevante objectivo que desejaria contribuir com os apontamentos que venho apresentar organizados em dois tópicos: o primeiro, que designei «o percurso da convergência», perspectiva a trajectória dos nossos trabalhos recentes; o segundo enuncia alguns «desafios e tarefas» que se afiguram relevantes para o futuro da nossa associação, como da nossa actividade.

2 O percurso da convergência

2.1. Que significa este terceiro Lusocom senão um patamar sólido na elevação de um edifício abrangente, visível e estimulante da investigação em comunicação por parte de cada um de nós, dos nossos grupos institucionais, das nossas Associações, da nossa Federação? A consulta, mesmo se em leitura oblíqua, do programa e dos resumos das comunicações apresentadas a este Encontro não deixa dúvida sobre o rigoroso caudal de pesquisa realizada, e em curso, pelos colegas investigadores espalhados por diferentes Universidades e Escolas de Brasil e Portugal e também a presença germinal dos nossos colegas de Angola e Moçambique. A evidência desta produção científica, já programaticamente documentada, que aqui vai ser exposta e debatida e ulteriormente expressa em textos completos, constitui manifestação inequívoca da convergência em que todos estamos envolvidos. Trata-se nem mais nem menos do que da própria construção e desenvolvimento da Federação Lusófona das Ciências da Comunicação.

Com efeito, esta associação não tem outra base de sustentação senão a investigação projectada e realizada no seio das Associações Federadas; mas esta investigação é o trabalho dos sócios investigadores que, individualmente ou em grupo, processam e hão-de encontrar junto dos seus pares o estímulo e a confirmação do conhecimento, contribuindo assim para o trabalho criativo não no quadro do isolamento individualista, mas no quadro do diálogo e do debate, da conjugação e da construção, numa palavra, na convergência.

É cada vez mais patente que o trabalho científico, quer por exigência epistemológica, quer pelo seu imperativo sentido social, exige equipas numerosas, com contributos interdisciplinares, integrando, tanto quanto

possível, dimensões comparativas, e expondo-se à indispensável sanção da comunidade científica. Ora, é este conjunto de recursos necessários e de garantias da fecundidade da investigação que a nossa pirâmide associativa nos facultava, conjugando o trabalho de investigadores individuais com o dos seus pares, quer ao nível do grupo institucional, que é o Departamento ou Faculdade, quer ao nível da comunidade científica nacional, quer ao nível da comunidade lusófona e internacional.

Como facilmente se pode reconhecer não se trata de acrescentar tarefas à já difícil disponibilidade para a pesquisa. Trata-se, de a redimensionar, articulando níveis e perspectivas que a cooperação dos pares não deixa de acarretar, dotando por isso mesmo a nossa pesquisa de maior profundidade e amplitude.

E esta visão da nossa Federação Lusófona pode parecer apenas pia consideração ou sonho utópico ou mesmo extravagância. Mas não é. Tenho para mim que é, antes, a afirmação certa do sentido do nosso esforço associativo. Estará também imbuída de sonho, ideal e mesmo utopia? Certamente. Mas no sentido forte de que por eles se governa a vida e se constrói a realidade, a nossa realidade humana. É, de todo o modo, na esteira desse querer colectivo, que desde há três anos nos fez comunidade, que proponho a minha dupla consideração para hoje: o reconhecimento dos passos concretizados no nosso percurso recente e a perspectiva de algumas tarefas que assegurem o bom caminho aberto.

2.2. Os passos efectuados

A afirmação e desenvolvimento da área de comunicação, ao nível nacional e, de modo particular, em relação com a comunidade científica brasileira, deram um claro salto no movimento já anteriormente iniciado. Seria abusivo tudo colocar na influência benéfica da criação intimamente associada da SOPCOM e da LUSOCOM. Mas evitar este extremo não pode impedir-nos de reconhecer o impulso catalisador que este movimento associativo imprimiu à nossa acção de docentes e investigadores, ao nível individual, ao nível dos nossos grupos departamentais e ao nível das nossas associações. Uma curta evocação ilustrará a afirmação.

2.2.1. A investigação ao nível da Sopcom

Começando pela que se manifesta com maior visibilidade, a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação trouxe inequivocamente uma nova dimensão à pesquisa em comunicação.

Em primeiro lugar, porque a própria razão de ser da constituição da nova associação foi o apelo à necessidade da investigação científica, quer como salvaguarda da área, quer como sua justificação social.

Em segundo lugar, a dinâmica da institucionalização da organização obrigou os nossos departamentos e escolas a uma interacção de intensidade e ritmo totalmente novos.

Em terceiro lugar, a realização do nosso 1.º Congresso inspirou um fluxo de produção científica em volume e qualidade tais que nos permitiram ganhar a nossa própria auto-consciência. Notório para tal feito foi o generoso e autorizado concurso prestado por mestres e colegas estrangeiros incluindo, naturalmente, os indefectíveis irmãos brasileiros.

Não me demorando mais no reconhecido incremento que a SOPCOM trouxe à investigação em Comunicação, não posso deixar de evocar outras realizações (conferências, debates, mesas redondas, edição e lançamento de publicações,...) que antes e depois do nosso Congresso foram levadas a cabo por investigadores, departamentos, grupos de projecto e outros. Esta influência positiva da dinâmica associativa – longe, é certo, de concretizar a sua potencialidade – não é alheia, no nosso entender, à crescente produção nos departamentos e escolas onde, na realidade e por assim dizer, «tudo se passa», ou por lá passa e começa.

2.2.2. *A investigação ao nível dos Departamentos e Escolas*

É bom de ver que as comunicações científicas apresentadas no I Congresso da SOPCOM resultaram de investigação realizada pelos investigadores nas suas respectivas escolas. Por outro lado, essa importante manifestação não esgota, é antes e apenas uma amostra da totalidade do trabalho efectuado. É este o seu incremento e solidificação que importa sublinhar, especialmente no passado mais recente.

Não disponho, é certo, de informação completa sobre o conjunto das escolas e seus centros de investigação. Mas são conhecidos elementos suficientes que atestam o empenho inequívoco de parte do corpo docente dos Cursos de Comunicação no trabalho árduo da pesquisa, quer em ordem à sua própria formação e conseqüente qualidade do seu ensino, quer em ordem à intervenção científica, pedagógica e cultural no seio das comunidades em que se insere. Em jeito de amostra e apenas indicialmente, evocarei alguns avanços que, embora localizados nas instituições académicas que me são mais familiares, dizem respeito a toda a comunidade académica das Ciências da Comunicação. Entre tais avanços referirei apenas duas modalidades: a produção de publicações científicas e a institucionalização do corpo docente.

Em relação ao primeiro ponto, recordarei a revista de *Comunicação e Linguagem* do Centro do mesmo nome, associado ao Departamento de

Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa. A produtividade e mérito científico deste grupo pioneiro, que contou com a direção do Prof. Adriano Rodrigues estão bem exemplificados no mais recente número da sua revista – o n.º 25/26 – intitulado «Real vs Virtual».

Mas outros trabalhos têm surgido. O grupo de Comunicação Social da Universidade da Beira Interior, em associação, no mesmo departamento, com o grupo de Sociologia, tem canalizado parte da sua produção para os *Anais Universitários*, revista da Unidade de Ciências Sociais e Humanas. Entretanto, lançou uma «Coleção de Comunicação» em que se publicam as mais importantes pesquisas realizadas por membros do grupo. Acresce que a este se deve também a importante e pioneira iniciativa da *Biblioteca de Ciências da Comunicação «on line»*, graças ao esforço e empenho do nosso colega António Fidalgo (peço desculpa por apenas referir alguns nomes, mas também ajuda na evocação e localização dos nossos trabalho).

O grupo mais recentemente instituído – o Grupo Disciplinar de Jornalismo do Centro de Estudos Jornalísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – inaugurou há pouco a sua revista de *Comunicação e Jornalismo*. É um dos iniciadores deste grupo, – lá vai outra referência inevitável – o Prof. Mário Mesquita, que tem conseguido um excelente ritmo de publicações na «Coleção Comunicação» da Editora Minerva de que ainda ouviremos no decurso do Congresso.

Não posso omitir, nesta evocação, os trabalhos de Sociologia da Comunicação e da Informação desenvolvidos por José Manuel Paquete de Oliveira e colegas do ISCTE, publicados, em boa parte, nas revistas especializadas daquele Instituto ou a ele associados, designadamente em *Análise Social e Práticas Sociológicas*.

Cabe ainda evocar a publicação mais recente e que ainda não apareceu a público do Departamento de Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho: *Comunicação e Sociedade*. Herdando a anterior colaboração do Departamento na revista do Instituto e do Centro de Ciências Históricas e Sociais, vai explicitar, de forma mais adequada, o trabalho de investigação em Comunicação levado a cabo no Departamento de Ciências da Comunicação, sem prejuízo das colaborações que a ele se vierem associar.

A este sinal da vitalidade do nosso modesto caminhar vem juntar-se o do progresso do corpo académico – lento progresso como é sobejamente sabido. Não podendo referir números, sabemos que se realizaram no decurso do passado e presentes anos académicos, nas diferentes universidades em que a área está instituída, um ou mais dos diferentes tipos de provas para evolução na carreira: de aptidão pedagógica e capacidade científica, de defesa de tese de mestrado, de provas de doutoramento e de agregação, de concursos para professor associado e professor catedrático.

Por quanto se pôde saber, tratou-se de provas públicas de elevada qualidade académica.

Estamos conscientes de que se trata apenas de dois aspectos. Evocámo-los na sua qualidade de simples exemplo do real caminho que estamos a percorrer.

2.2.3. *E a investigação ao nível da LUSOCOM?*

O influxo benéfico dos Encontros Lusófonos não é ainda lisível no número de pesquisas desencadeadas e produzidas. Poderá e deverá vir a sê-lo. Não aparecendo por ora a esse nível, o progresso realizado já se manifesta no crescente conhecimento mútuo de investigadores e de investigações de um e de outro lado do Atlântico. Um simples teste fará notar a diferença: pergunte-se a cada um de nós quantos e que nomes de investigadores do outro lado lhe eram familiares, há três anos? Quem dos portugueses conhecia, já não digo José Marques de Melo, mas Cecilia Peruzzo, Rosa Maria Fadul, Margarida Kunsch, Sebastião Squirra, César Bolaño, Crista Berger, Lilian França, Benalva Vitorio, nomes que hoje se nos tornaram familiares? E dos brasileiros quem ouvira falar do Moisés, do Bragança de Miranda, do António Fidalgo, do Joaquim Fidalgo, do Pacote de Oliveira? E que publicações de comunicação haviam folheado ou consultado? E hoje? Não só um crescente número de nomes e pessoas se tornaram familiares, mas também as nossas Associações Nacionais e seus Congressos se tornaram mais próximos e se iniciaram reais intercâmbios. Mais ainda, algumas das revistas científicas, como a *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, *Comunicação e Sociedade*, *Famecos* (como exemplos da parte Brasileira) e *Comunicação e Linguagem* (em exemplo da parte portuguesa), tornaram-se familiares e acessíveis à consulta de todos.

Para rematar este ponto, como não sublinhar a intensificação da nossa relação com o admirável recurso da *Internet*? Aí está para o mostrar convenientemente a iniciativa do Professor Marques de Melo com o Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação na rede, mantido com a colaboração de uma equipa liderada pelo Dr. Adolpho Quiroz e Maria Cristina Gobi. Para além de os felicitar, desejo agradecer-lhes a informação que me vêm prestando sobre os estudos e ocorrências na nossa área no Brasil.

Outra boa surpresa neste intercâmbio electrónico foi a página do *Indecs* – o Instituto de Estudos e Projectos em Comunicação e Cultura – que faculta um programa de intervenção e informação muito sugestivo.

Poderia alongar-me nos estímulos que o Encontro Lusófono gerou para a convergência, digo, para o desenvolvimento da Investigação. Não adiantaria mais sobre o reconhecimento já explicitado. E agora? Que desafios nos coloca o seguir em frente?

3. Os desafios e as tarefas

Por razões de brevidade, e em consonância com o carácter programático das propostas, ficarei ao nível indicativo sumário. Também não distinguirei níveis grupais, pois as propostas dizem respeito a todos e facilmente se identificam os modos e os pontos que à intervenção de cada qual respeitam. Limitar-me-ei à enunciação do que me parece ser um grande desafio susceptível de especificações mais facilmente abordáveis, mas que julgo deverem manter a sua conexão de grande e coerente constelação. Enumero, em seguida, algumas tarefas mais particularizadas, de ordem metodológica e temática.

3.1. *O grande desafio: A sociedade da comunicação e da informação*

Este é, a meu ver, o grande desafio da nossa investigação e, concomitantemente, do nosso ensino. Este é o desafio da construção – permanente construção – da nossa área científica, da nossa teoria e da nossa prática científica. Que teoria, que conhecimento, que ensino, que contributo para a acção social com que estamos irremediavelmente comprometidos?

Ficarei nas perguntas. Das respostas que conseguirmos descobrir e formular depende o muito, ou pouco, ou nada com que respondermos aos legítimos anseios dos estudantes – como dizia o Pacote! – que nos procuram e das comunidades que nos reconheceram como capazes de lhes fornecer conhecimentos com algum valor e utilidade.

Neste contexto se coloca uma importante matéria para a qual o curso de todos é importante: a definição dos programas de formação de graduação, pós-graduação, doutoramento. Nos trabalhos deste congresso – estou a lembrar-me da comunicação do Prof. Paulo Tarsitano – há contributos interessantes para este tópico.

Na vertente da incidência social da nossa pesquisa, pesquisa fundamental, pesquisa aplicada, pesquisa-acção, pouco importa, pois toda ela carece do agulhão essencial que é a fecundidade na acção social do nosso trabalho, como esquecer a urgência de lutar pela informação adequada dos cidadãos, de lutar pelas acessibilidades às riquezas do conhecimento, da cultura, do lazer?

Contribuir, com as nossas ferramentas, desde a concepção fundada e argumentada, até à sua mais cabal expressão, nos cursos, nas nossas pesquisas, nos livros e nas revistas, na *Internet* em todos os *media*, contribuir para a efectiva sociedade da comunicação – a ideal – em que não há deixados por conta, excluídos pelo figurino do sistema.

3.2. *Algumas tarefas para a nossa acção*

3.2.1. *O cruzamento e coordenação dos nossos Grupos de trabalho*

Tenho para mim – e sei que é sentimento partilhado – que este é o caminho real do nosso avanço e cooperação. A verdadeira *mediação* das nossas relações! De algum modo, é nos grupos de trabalho que tudo ou quase tudo se passa. É nos grupos que o mútuo conhecimento se aprofunda, que as perspectivas, conceitos, metodologias se confrontam, iluminam e completam. É nos grupos que temas afins se recortam e desdobram em novos aspectos. Enfim, é nos grupos que melhor se podem definir e desenvolver projectos coerentes, fortes e duradouros.

Nem era preciso este encómio. As nossas Associações estão organizadas em grupos de trabalho. A Intercom tem-nos instituídos e rotinizados. A Sopcom ainda não tem esse nível rotinizado, mas conta já com uma experiência suficiente para dar o passo da constituição dos Grupos de Trabalho. As indicações do 1.º SOPCOM e deste LUSOCOM permitem certamente uma primeira grelha que, com o necessário consenso, possa ser brevemente formalizada e reconhecida.

De todo o modo e para já, a nossa documentação dá-nos as indicações suficientes para, sem tardar, iniciarmos algumas filiações. Seria um dos grandes méritos deste encontro: proceder cada qual à própria inserção em grupos de trabalho da Intercom e da Sopcom na base do mútuo interesse e partindo para um efectivo intercâmbio de conhecimentos, de projectos e de recursos.

3.3. *Alguns desafios temáticos*

Sem desligá-los do que fica dito, aponto para o debate os seguintes desafios:

- as transformações trazidas pela *Internet*, pela *Televisão* digital, tanto ao nível das implicações no ensino como na pesquisa;
- a conexão e fórmulas do *serviço público* ao nível das comunicações mediáticas (ontem ouvimos falar um pouco disto...);
- a *comunicação estratégica*, ou a comunicação em situação específica. Temos em mãos, no nosso Departamento, um belo desafio no campo da Saúde e Comunicação: «Compreender para intervir – Saúde Pública: definir um posicionamento para construir uma imagem. Um estudo de caso junto das unidades de Saúde do Baixo Cávado».

A propósito desta comunicação ou da sua falta, dava-se conta, há muitos meses, de uma pesquisa nos países da União Europeia sobre os

«maus tratos psicológicos no ambiente de trabalho que redondavam em doença: 12 milhões de vítimas – tornadas doentes por mau trato de relacionamento!»¹. Não haverá aqui um apelo para a pesquisa e para a acção sobre «Comunicação estratégica ou organizacional»?

A lista continuaria, mas a vossa paciência e a minha capacidade não! É tempo de terminar.

4. Concluindo o quê?

Concluindo, em referência à temática do nosso Encontro, que a *convergência* está em boa rota, com caminho já andado, e que os *desafios* estão em parte identificados; o ânimo que nos fez chegar aqui há-de levar-nos a encontrar respostas à medida de todos os desafios. A tanto nos obriga o compromisso pessoal e social da nossa profissão e a solidariedade fraterna que inspira as nossas associações.

¹ Cf. *Nouvel Observateur* 21-27 Janeiro 1999; Marie-France Hirigoyen, *Stop au harcèlement moral*, Éd. Syros, 1998.